

## **PROJETO DE PESQUISA – INICIAÇÃO CIENTÍFICA**

**CHAMADA DE INSCRIÇÕES DE PROJETOS PARA CONCESSÃO DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DOS PROGRAMAS “PIC/UFABC”, “PIBIC/CNPq”, “PIBITI/CNPq” e “PIBIC-AF/CNPq”**

**Projeto submetido para avaliação no Edital Nº 04/2022**

**Título do projeto:** “A noção de dependência cultural no pensamento desenvolvimentista de Celso Furtado”

**Instituição:** Universidade Federal do ABC

**Área(s) de conhecimento do projeto:** Economia, Teoria Econômica, História do Pensamento Econômico.

**Palavras-chave:** Celso Furtado; dependência cultural; desenvolvimentismo; subdesenvolvimento.

## RESUMO

O pensamento desenvolvimentista de Celso Furtado (1920-2004) destaca-se pela originalidade do método que utilizou. Dentre suas maiores contribuições, está a percepção de que o subdesenvolvimento econômico é um fenômeno autônomo, e não uma etapa para o desenvolvimento. Fatores como dependência tecnológica e padrões de consumo miméticos são marcas do subdesenvolvimento, não havendo superação dessa condição sem que haja uma ação intencional e politicamente direcionada. A teoria do subdesenvolvimento de Furtado também tem como eixo a noção de “dependência cultural”, entendida pioneiramente pelo autor como uma das limitações à tomada de consciência que levaria à mudança social efetiva de rompimento com o subdesenvolvimento. Essa perspectiva sobre o lugar da cultura tem como importante marco os textos de *Criatividade e Dependência na Civilização Industrial* (1978) e foi amadurecida pelo autor ao longo de obras posteriores. Por outro lado, é possível pensar que a noção de dependência cultural sempre fez parte do pensamento do autor, sendo importante para compreender seus textos das décadas de 50, 60 e 70. Nesse sentido, o presente projeto propõe a análise atenta de cinco obras do autor escritas nesse período, estabelecendo como objetivo verificar se havia nelas os elementos sobre cultura que adiante se tornariam centrais para o autor.

**Palavras-chave:** Celso Furtado; dependência cultural; desenvolvimentismo; subdesenvolvimento.

## ABSTRACT

The developmentalist thought of Celso Furtado (1920-2004) stands out for its original methodology. Among his greatest contributions, is the perception that economic underdevelopment is an autonomous phenomenon, not a stage for the development, as if in an automatic evolution. Factors such as technological dependency and consuming patterns copied from elsewhere are trademarks of the underdevelopment and there's no way out from this without an intentional and politically oriented action. Furtado's theory of the underdevelopment also pioneered in featuring the notion of “cultural dependency” as one of its axis, seen as a limitation to the consciousness awakening that would bring effective social change and rupture with the underdevelopment. This perspective about the place of culture has a cornerstone in the texts of *Criatividade e Dependência na Civilização Industrial* (1978) and was elaborated in following works. However, it's possible to assume that the notion of cultural dependency has always been part of the author's thought, being important to comprehend his texts from the 50's, 60's and 70's. In this sense, this project proposes to analyze five works from the author written in this period, setting as objective to verify if they feature the elements about culture that would later be central for the author.

**Keywords:** Celso Furtado; cultural dependency; developmentalism; underdevelopment.

## **SUMÁRIO**

I.	Introdução e contextualização da pesquisa	4
II.	Justificativa	9
III.	Hipótese do trabalho	11
IV.	Metodologia	11
V.	Objetivos	12
VI.	Cronograma (01 de setembro de 2022 a 31 de agosto de 2023)	13
VII.	Referências	14

## I. Introdução e contextualização da pesquisa

Celso Furtado (1920-2004) é um dos mais importantes economistas latino-americanos, além de expoente do pensamento social brasileiro. *Formação Econômica do Brasil*, de 1959, livro escrito como aprofundamento de sua tese de doutorado, é certamente a obra sobre economia brasileira mais lida e traduzida no mundo inteiro. Ademais, ao lado do economista argentino Raúl Prebisch, Furtado destacou-se no desenvolvimento da corrente de pensamento econômico chamada “estruturalismo latino-americano”, amadurecida sobretudo no âmbito da Comissão Econômica Especial para América Latina e Caribe (CEPAL), com que contribuiu desde sua criação, em 1948.

Um dos traços originais do pensamento furtadiano, conforme apontam estudiosos como Ricardo Bielschowsky (2001), é o enfoque histórico que o autor emprestou à corrente estruturalista e às discussões econômicas de modo geral. Ao chamar atenção para a dimensão histórica do desenvolvimento econômico, Furtado evidenciou a importância de processos como a colonização para a compreensão do modelo econômico e do padrão de crescimento dos países subdesenvolvidos. O procedimento adotado pelo autor em seu clássico *Formação Econômica do Brasil*, por exemplo, mas também em obras como *Formação Econômica da América Latina* (1969), é justamente tentar explicar a particularidade das nações subdesenvolvidas a partir dos seus processos históricos, o que implica sempre duvidar de modelos pretensamente de aplicabilidade universal.

Nesse sentido, emerge uma importante contribuição do autor, que é a observação de que o subdesenvolvimento econômico não é uma etapa para o desenvolvimento, mas sim um produto de processos históricos específicos que assim condicionaram as economias periféricas (FURTADO, 1961). Em outras palavras, o subdesenvolvimento não é uma etapa que precede o desenvolvimento, como se fossem etapas a serem percorridas em uma lógica linear.

Trata-se de uma visão diferente à de W. W. Rostow (1959), que ajudou a popularizar esse pensamento mecanicista de que haveria “estágios” do desenvolvimento econômico universalmente válidos. Para Furtado, o subdesenvolvimento é um fenômeno autônomo, que deve ser compreendido em um enquadramento próprio e que não repetirá o que se passou nas economias centrais desenvolvidas (FURTADO, 1961).

Em sua obra *Desenvolvimento e Subdesenvolvimento* (1961), o autor expõe como o processo histórico do desenvolvimento nas economias centrais, acentuado pela Revolução Industrial, foi resultado de melhorias técnicas e ganhos de produtividade graduais. O progresso técnico e racionalização da produção permitiu o aumento generalizado da renda da população e criou a demanda por bens sofisticados e cada vez mais diversificados, ditando um padrão de consumo ao qual se associou um suposto ideal de civilização. Nessas economias, o avanço da industrialização fez desmoronar as estruturas de dominação e organização da sociedade feudal, incorporando os trabalhadores ao modo de produção capitalista e moderno, dinâmica muito bem descrita por Marx, para o caso da Inglaterra.

Conforme aprofundado por Furtado em *Criatividade e Dependência na Civilização Industrial* (1978), as sociedades secularizadas das economias centrais, produzidas no bojo da revolução burguesa e revolução científica, tornaram-se estéreis às formas de dominação autoritárias ou legitimadas pela religião. Como classe em ascensão, a burguesia tem como base de seu poder a acumulação material, viabilizada e acelerada pela Revolução Industrial. Nesse contexto, as tensões de classe, além de mais visíveis, tornam-se permanentes e institucionalizadas. Contudo, como nota o autor, a “ideologia do progresso”, fundamentada na ideia de manutenção da acumulação como condição para um futuro próspero a todos, serve para amenizar a natureza conflitiva dessas sociedades, criando alianças entre burguesia e trabalhadores. A partir do que o autor chama de “criatividade política”, o capitalismo produz ganhos materiais generalizados para os trabalhadores e uma sociedade mais homogênea, permitindo inclusive que a acumulação prossiga para além das fronteiras desenhadas pela burguesia. Em outras palavras, essas tensões e a superação delas via “criatividade política” são fundamentais para a própria

sobrevivência do capitalismo na medida em que geram mercado consumidor e resolvem sucessivas crises de acumulação.

No entanto, conforme o autor, em se tratando das economias periféricas, o processo é bem diverso. Antes mesmo de se industrializarem, as economias periféricas importavam do centro capitalista os bens modernos que resultavam do avanço da técnica naquelas economias. Quando finalmente conheceram a industrialização – o que na América Latina ocorreria apenas no século XIX e, com maior relevância, no XX – a Revolução Industrial já é um fenômeno consolidado na Europa. Assim, a industrialização na periferia do capitalismo ganha contornos de uma mimetização de técnicas das economias centrais, além de ser impulsionada por um padrão de consumo moderno pré-existente que simplesmente não existia nas economias centrais quando estas se industrializaram (FURTADO, 1961).

As consequências disso são várias e, segundo o autor, tendem a travar o desenvolvimento. Em primeiro lugar porque, nas economias subdesenvolvidas, costuma predominar a abundância de mão de obra disponível em contraste com a escassez de capital para investimento. Ora, as técnicas modernas da industrialização transplantada das economias centrais são justamente poupadoras de mão de obra e intensivas em capital. As máquinas importadas para a produção local de bens modernos não demandam tantos trabalhadores quanto seria preciso para empregar todo o exército de mão de obra disponível, reforçando uma tendência estrutural ao desemprego, a despeito do desenvolvimento industrial. Em segundo lugar porque, dado o padrão de consumo de bens sofisticados anterior à própria industrialização e, evidentemente, limitado às elites desses países, as economias periféricas veem parte importante de suas divisas escorrerem para dar conta da importação de bens supérfluos produzidos nas economias que estiveram na vanguarda da Revolução Industrial. Assim, desperdiçam-se em importações de bens de luxo os recursos que poderiam fundamentar a industrialização própria. E, mesmo quando essa produção é internalizada, importando-se bens de capital para viabilizar uma indústria de “bens de luxo”, retorna-se ao problema anterior, que é o fato de que ela não é suficiente para absorver a mão de obra disponível.

Resumidamente, o cenário que se tem no contexto do subdesenvolvimento é: as técnicas da Revolução Industrial penetram (tardamente) na economia, mas com persistência de uma tendência estrutural ao desemprego e manutenção das formas pré-modernas de produção e dominação social. Como a industrialização não é suficiente para romper com o subdesenvolvimento, o que resta, simplificadamente, é um “setor moderno” da economia ligado à indústria e um renitente “setor atrasado” marcado pela informalidade e indigência. A não ser que forças politicamente motivadas por um projeto distinto atuem sobre esse cenário, a percepção de Furtado é que a economia deve permanecer subdesenvolvida, não importa o quão “avançada” se torne a industrialização.

No lugar da “ideologia do progresso”, Furtado enxerga nas economias periféricas a “ideologia do desenvolvimento”, que apresenta como ideia mobilizadora a necessidade de estabelecimento de pactos entre grupos internos e externos para acelerar a acumulação no quadro da dependência. Conforme o autor, “a história dos povos passa a ser vista como uma competição para parecer-se com as nações que lideram o processo acumulativo” (FURTADO, 1978, p. 77). Assim, a “civilização industrial” originária das economias centrais é mimetizada em um enquadramento social, político e histórico bastante diverso, sustentando a diversificação e sofisticação do consumo de uma minoria privilegiada, em detrimento da satisfação das necessidades essenciais do conjunto da população” (Ibid, p. 78).

Da explicação acima, pode-se depreender que a visão de Furtado sobre o subdesenvolvimento afasta-se do economicismo puro, buscando localizar historicamente o contexto em que economias centrais e periféricas se industrializaram. O mimetismo do padrão de consumo e técnicas de produção transplantadas são características ressaltadas pelo autor como próprias do processo histórico do subdesenvolvimento. Nessa seara, como destaca Rodriguez (2009), Rodriguez e Burgueño (2001) e Bolaño (2015), está claro que Furtado atribui uma dimensão cultural ao subdesenvolvimento, reconhecendo que se trata de um fenômeno em que a dependência cultural, especialmente das elites, impede as economias periféricas de buscarem uma via autônoma de desenvolvimento. A “ideologia do desenvolvimento” pode ser

considerada o desdobramento mais importante dessa dependência. É justamente esse olhar interdisciplinar sobre o desenvolvimento que torna o pensamento de Furtado tão único. O nexo entre dependência cultural e subdesenvolvimento é central em sua teoria. Ao rejeitar a ideia mecânica de desenvolvimento, segundo a qual os países subdesenvolvidos caminhariam automaticamente para o estágio superior de desenvolvimento, o autor estabelece que apenas a ação intencional e politicamente orientada é capaz de romper com o subdesenvolvimento. Essa ação demandaria uma tomada de consciência, de que é necessário encontrar um caminho próprio para o desenvolvimento, desfazendo-se dos modelos de pensamento transplantados, descontextualizados dos desafios da periferia.

Como escreveu em um ensaio (FURTADO, 1984), a pergunta fundamental a ser feita é: “Quem somos?” A partir desse questionamento, que levaria ao encontro da identidade cultural própria, a criatividade política seria colocada em movimento para encontrar vias de desenvolvimento compatíveis com a realidade nacional. No entendimento do autor, essa criatividade política é limitada na periferia do capitalismo pela dependência cultural que leva a assumir que o único modelo de desenvolvimento possível, estritamente economicista, é acelerar a acumulação favorecendo aumento da poupança interna e investimentos estrangeiros.

Contudo, como foi visto, quando transplantado para a periferia do capitalismo, no contexto da industrialização tardia e da dependência, esse modelo apenas reforça o subdesenvolvimento. Ao invés de homogeneizar a sociedade e criar uma perspectiva de futuro comum via “ideologia do progresso”, como aconteceu nas economias centrais, a industrialização acaba por aprofundar e solidificar a heterogeneidade brutal que marca o subdesenvolvimento. O consumo de bens sofisticados nessas sociedades, por uma minoria, só é possível no contexto da concentração da renda, o que viabilizou a implantação da indústria automobilística no Brasil, por exemplo. Nesse caso, o autoritarismo, e não a criatividade política, é o mecanismo de estabilização da sociedade. Conforme o autor, “o autoritarismo é uma arma repressora das forças sociais que a industrialização dependente não consegue canalizar de forma construtiva”. (FURTADO, 1978, p. 80).



Assim, a noção de dependência cultural como um entrave ao desenvolvimento surge como um dos eixos da teoria do subdesenvolvimento de Celso Furtado. Não se trata de um elemento acessório da teoria ou apenas complementar a outros fatores como dependência tecnológica e financeira. A dependência cultural acaba por explicar a permanência no subdesenvolvimento mesmo quando são conhecidas as ferramentas para sua superação. Nesse sentido, cabe mencionar que a geração de Furtado viveu um dos momentos históricos – o do pós-Segunda Guerra – de maior ação direta e planejamento estatal na economia mundo afora, provando que a ação intencional e politicamente orientada possuía grande potencial de transformar a vida material das sociedades. Logo, o diagnóstico do autor é que estavam dadas as condições, ao menos no plano intelectual, para atuar sobre a realidade das economias subdesenvolvidas e transformá-las. E aqui surge a dependência cultural como entrave para essa atuação, favorecendo a difusão de um ideal de progresso importado e impedindo a tomada de consciência necessária para romper com o desenvolvimento.

Todas essas reflexões, compostas e amadurecidas pelo próprio autor ao longo de seu percurso intelectual, compõem a um só tempo a fundamentação teórica e o objeto desta pesquisa. É a *evolução do pensamento do autor*, e o papel que a noção de dependência cultural vai assumindo nele, que deverá ser investigada pelo trabalho, que tem como foco de estudo obras anteriores do autor à *Criatividade e Dependência na Civilização Industrial*. Nas seções seguintes será proposta uma delimitação deste objeto de pesquisa, assim como uma metodologia adequada para atingir os objetivos que se esperam deste estudo.

## II. Justificativa

O trabalho deve abordar a importância da noção de dependência cultural para a teoria do desenvolvimento de Celso Furtado. Com isso, será destacado como a dependência cultural é um pilar da explicação furtadiana do processo histórico do subdesenvolvimento. Conforme a teoria de Furtado, não são

apenas os “termos de troca” entre os países ou a “industrialização tardia” que fundamentam o subdesenvolvimento, mas também a dependência cultural que promove, dentre outras coisas, padrões de consumo “modernos” em economias “atrasadas” e serve como entrave para a emergência de vias de desenvolvimento adequadas às condições das nações subdesenvolvidas.

Como notou Bresser-Pereira (2001), em se tratando da produção intelectual de Furtado anterior ao golpe de 1964, sua obra é marcada pela esperança e crença de que “o Brasil, que já vinha se industrializando de forma acelerada, superaria os desequilíbrios estruturais de sua economia e, com a ajuda da teoria econômica e do planejamento econômico, alcançaria o estágio de país desenvolvido” (Ibid, p. 37). Trata-se de um tom bastante diferente daquele encontrado na obra de 1978, pois o autor acreditava em uma canalização de forças sociais e políticas para “corrigir” a industrialização desigual, romper com o subdesenvolvimento e, conseqüentemente, com o imobilismo social. Isso não significa, contudo, que o autor já não apresentasse um olhar crítico sobre a industrialização corrente na periferia do capitalismo, embora seja possível que subestimasse o potencial da reação conservadora ao projeto de desenvolvimento que propunha.

Com o golpe, esta consciência crítica seria apurada, suscitando algum pessimismo no autor quanto às possibilidades de mudar o curso da expansão do capitalismo nas nações subdesenvolvidas – fenômeno que, como reconhece, passa pela dependência cultural. Mais adiante, o autor escreveria que, para escapar da “armadilha do subdesenvolvimento” no Brasil, seria necessário “por em andamento um processo político que, pela magnitude dos interesses que contraria, somente se produz no quadro de uma convulsão social” (FURTADO, 1992, p. 43). Ou seja, Furtado vê o subdesenvolvimento como petrificado e as possibilidades de manifestações da “criatividade política” radical como remotas.

Vale verificar, entretanto, como esta consciência crítica foi sendo construída pelo autor até resultar nos seminais – e pessimistas – ensaios de *Criatividade e Dependência na Civilização Industrial* (1978) e obras que vieram depois.

Trata-se de uma discussão relevante dado que, embora o nexo entre as manifestações do subdesenvolvimento e a dependência cultural fique claro no

pensamento de Furtado do final da década de 70, intui-se que também pode ser uma chave para compreender sua produção intelectual anterior, inclusive de sua fase “otimista”. Ademais, a dimensão cultural do subdesenvolvimento é uma particularidade da teoria furtadiana, desdobrando-se em reflexões que transbordam o campo da Economia para colocar em questão temas como a democracia e o autoritarismo na periferia do capitalismo. Verificar a presença desses elementos – e o peso atribuído a eles – ao longo da evolução do pensamento do autor pode ser fundamental para entender como se justificam seus diferentes diagnósticos a respeito das economias subdesenvolvidas e das perspectivas de superação dessa condição. Nas cinco obras selecionadas para esta investigação, será possível analisar de maneira mais concreta o amadurecimento da noção de dependência cultural no pensamento do autor.

### III. Hipótese do trabalho

A hipótese do trabalho é que a noção de dependência cultural sempre esteve presente no pensamento desenvolvimentista de Celso Furtado, mesmo antes da publicação de *Criatividade e Dependência na Civilização Industrial* (1978). Nesta obra de 1978, o tema da dependência cultural torna-se central para compreender a proposta do autor de revisão crítica da expansão do capitalismo europeu, o que passa pelos aspectos culturais da difusão da “civilização industrial” e seus desdobramentos fora das economias centrais. Contudo, intui-se que obras anteriores a 1978 podem revelar que a noção de dependência cultural já integrava o arcabouço teórico do autor e, consequentemente, seu diagnóstico do subdesenvolvimento.

### IV. Metodologia

Trata-se de um trabalho de caráter predominantemente teórico, que será desenvolvido por meio de investigação e leitura de bibliografia selecionada.

Para conduzir a investigação proposta, foram pré-selecionadas cinco obras de Celso Furtado anteriores a 1978, quais sejam:

1. *Formação Econômica do Brasil* (1959)
2. *Ensaio sobre a Venezuela* (1957-1974)
3. *Desenvolvimento e subdesenvolvimento* (1961)
4. *Subdesenvolvimento e estagnação na América Latina* (1966)
5. *O mito do desenvolvimento econômico* (1974)

A pesquisa deve olhar para os trabalhos de Furtado anteriores a *Criatividade e Dependência na Civilização Industrial* (1978). Nesse sentido, as obras selecionadas para a análise devem corresponder a um período da produção intelectual do autor para o qual não se tem uma associação tão óbvia com a noção de dependência cultural.

Ademais, a pesquisa também deve recorrer à *revisão da literatura especializada*, com destaque para Rodriguez (2009) e Bolaño (2015), que estudaram especificamente o nexo entre cultura e desenvolvimento na obra de Furtado. Outros autores, como Bielschowsky (1988) e Love (1996, 1998) estudaram o pensamento desenvolvimentista de modo geral, em suas várias correntes internas, sendo relevante recorrer a seus textos para situar a obra de Furtado em seu tempo. Ademais, o acervo bibliográfico disponível no site da própria CEPAL também será de grande valia nesta empreitada, além de outros autores que serão selecionados ao longo da pesquisa

No que se refere à organização das fases da pesquisa, as obras originais de Furtado, e a consulta aos seus comentadores, será feita na ordem cronológica das obras selecionadas, conforme cronograma da seção VI.

## V. Objetivos

O objetivo geral da pesquisa é verificar se a noção de dependência cultural é um elemento relevante para compreender o pensamento desenvolvimentista de Celso Furtado anterior à publicação de *Criatividade e Dependência na Civilização Industrial* (1978).

Enquanto objetivos específicos, a pesquisa visa:



## VII. Referências

BIELSCHOWSKY, Ricardo. **Celso Furtado e o pensamento econômico Latino-Americano**. In: BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos; REGO, José Marcio. A grande esperança em Celso Furtado: ensaios em homenagem aos seus 80 anos. São Paulo: Editora 34, 2001.

BIELSCHOWSKY, Ricardo. **Pensamento econômico brasileiro: o ciclo ideológico do desenvolvimento**. Rio de Janeiro: IPEA/INPES, 1988.

BOLANÕ, Cesar Ricardo Siqueira. **O conceito de cultura em Celso Furtado**. Salvador: EDUFBA, 2015.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. **Método e Paixão em Celso Furtado**. In: BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos; REGO, José Marcio (Org.) A grande esperança em Celso Furtado – Ensaios em homenagem aos seus 80 anos. São Paulo: Ed. 34, 2001.

FURTADO, Celso. FURTADO, Rosa Freire d'Aguiar (Org.). **Ensaios sobre cultura e o Ministério da Cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

FURTADO, Celso. **Ensaios sobre a Venezuela: subdesenvolvimento com abundância de divisas**. Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado, 2008.

FURTADO, Celso. **Criatividade e dependência na civilização industrial**. São Paulo: Paz e Terra, 1978.

FURTADO, Celso. **Desenvolvimento e subdesenvolvimento**. 5.ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

FURTADO, Celso. **Brasil, a construção interrompida**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

FURTADO, Celso. **Dialética do desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1964.

FURTADO, Celso. **Subdesenvolvimento e estagnação na América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980.

FURTADO, Celso. **Subdesenvolvimento e estagnação na América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1966.

FURTADO, Celso. **O mito do desenvolvimento econômico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1974.

FURTADO, Celso. **Formação econômica da América Latina**. Rio de Janeiro: Lia Editora. 1969.

LOVE, Joseph. **Economic ideas and ideologies in Latin America since 1930**. In: BETHEL, Leslie. Ideas and ideologies in 20th century Latin America. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

LOVE, Joseph. **A construção do Terceiro Mundo**: teorias do subdesenvolvimento na Romênia e no Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

RODRÍGUEZ, Octavio. **O estruturalismo latino-americano**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

RODRIGUEZ, Octavio; BURGUEÑO, Oscar. **Desenvolvimento e cultura**. In: BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos; REGO, José Marcio. A grande esperança em Celso Furtado: ensaios em homenagem aos seus 80 anos. São Paulo: Editora 34, 2001.

ROSTOW, Walt Whitman. **The stages of economic growth**. Cambridge: Cambridge University Press, 1960.